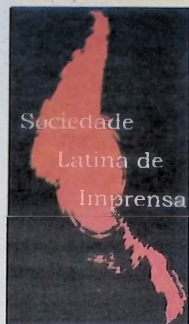


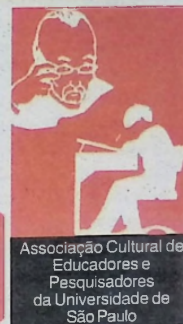
A PALAVRA LATINA



“Uma campanha contra a imprensa capitalista, contra o pensamento único e pelo respeito e apoio às lutas populares legítimas em todas as suas formas: dos trabalhadores sem-terra, aos movimentos guerrilheiros, indígenas e de massas, e em defesa da revolução socialista”

A Palavra Latina é o órgão de comunicação impresso fruto da parceria entre a Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo e a Sociedade Latina de Imprensa

01º Ano - número 05 - São Paulo # Janeiro/Fevereiro de 2005 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA



MST inaugura escola nacional **Pág. 7**



Talibanização da Mídia

Pág. 2

Argentina: três anos depois

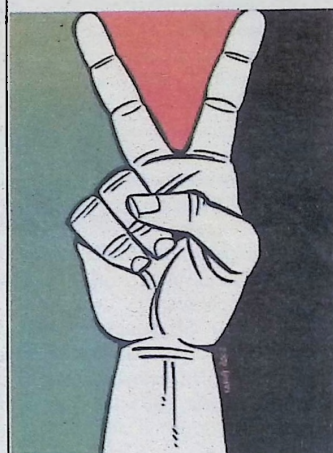
Pág. 4

A crise no Haiti

Pág. 3

A cultura Hip-Hop

Pág. 5



R e s i s t e !

Cultura

Crônica: os caminhos andantes

Pág. 6

Poucas Palavras

Pág. 7

Cinema: comentários sobre o filme “Revolución, a historia de Cuba”.

Pág. 8

Campanha contra o monopólio da imprensa capitalista

A *Palavra Latina* é um projeto de jornalismo crítico na contra-mão do pensamento único vigente largamente difundido pela imprensa conservadora. O jornal foi viabilizado através da parceria entre a *Sociedade Latina de Imprensa* e a *Associação Cultural de Educadores e Pesquisadores da Universidade de São Paulo*.

A *ACEPUSP* é uma entidade política criada e gerida por alunos e ex-alunos da USP e que desenvolve projetos de difusão cultural e socialização do conhecimento pelas classes populares, através de cursos, seminários, debates, manifestações artísticas e comunicação social.

A *Sociedade Latina* é um agrupamento de militantes latino-americanos unidos em defesa da identidade cultural e política latino-americana. É um projeto de comunicação e reflexão cujo intuito é o desenvolvimento e a integração dos povos latinos através da difusão do seu pensamento, cultura e história. Aglutina escritores, cientistas humanos, jornalistas e artistas de vários países em torno do ideal da liberdade e da diversidade dos povos.

Editorial

O mês de janeiro já está consagrado como o tempo em que as reflexões sobre as injustiças sociais se colocam como ordem do dia. A luta dos povos contra a exploração e a opressão se reúne num mesmo lugar: Porto Alegre. Rio Grande do Sul, Brasil. Durante uma semana de intensa vivência cultural e política, movimentos sociais, estudantes, intelectuais, trabalhadores de diversos países se unem para juntos declarar que sim, outro mundo é possível, e não só possível como necessário, em vista da falência da ideologia do pensamento único neoliberal, e seus pretensos modelos "científicos" de desenvolvimento econômico, que têm como finalidade única legitimar o avanço do capital frente às conquistas dos trabalhadores do século XX.

O número 5 de nosso periódico vem para reforçar a luta por uma união dos movimentos sociais latino-americanos. Da Argentina, temos um relato sobre os últimos anos das confrontações de classe desta nação, no qual após um período de relativa prosperidade – o país fora chamado "a Europa da América" –, embarcou numa crise social e política brutal, depois do fracasso da política de alinhamento com os EUA.

Ficamos conhecendo um pouco da história de nossos irmãos haitianos, esse povo negro heróico que arrancou a independência e a abolição da escravidão a um só golpe do colonizador francês, mas ficou atolado em uma dívida impagável que o coloca em níveis extremos de pobreza.

No Brasil, São Paulo, acabamos de presenciar um marco na história do MST, a Escola Nacional Florestan Fernandes foi inaugurada no dia 23 de janeiro. Situada em Guararema, a 80 quilômetros da capital, esse novo espaço de formação cultural da classe trabalhadora do campo ressalta a importância da construção do conhecimento como arma na luta contra a opressão das elites atrasadas do país.

Esses desenvolvimentos e outras questões fundamentais a respeito dos rumos dos movimentos de emancipação ao redor do mundo serão discutidos em várias esferas na quinta edição do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. E é lá que nos encontraremos, vozes progressistas de todas as partes do mundo, para reafirmarmos a atualidade do movimento socialista internacional como o caminho para o outro mundo que almejamos.



Talibanização da Mídia Evangélica no Brasil

Prof. Chico Lobo*

Antigamente havia o monopólio religioso do Vaticano, hoje o monopólio está nas mãos dos empresários neoliberais da fé. Com isso, estamos caminhando para uma "talibanização" religiosa no Brasil, com consequências drásticas em todos os setores sociais, e que age tal qual os moldes disfarçados de uma ditadura militar. O processo de talibanização brasileira dá-se, pois, através do fundamentalismo neo-pentecostal evangélico, que é controlado por empresários da religião.

A começar da escrita de nossa constituição, fomos obrigados em 1988, por força da bancada evangélica, a engolir a frase "(...) sobre a proteção de Deus (...)", como se em toda a população brasileira não houvesse pessoas de outras convicções político-religiosas. Trata-se, então, de uma uniformização de consciências. No Afeganistão aconteceu a mesma coisa: tudo como reza o Alcorão.

Falando das questões políticas e legislativas, o lobby formado por esses empresários da religião (os pastores evangélicos) no Congresso Nacional está se fortalecendo cada vez mais, lembrando que, em nome de "Deus", os pastores utilizam-se de seus fiéis para sustentarem seus currais eleitorais em suas "igrejas-empresas". Dessa maneira, a população evangélica hoje no Brasil é de 29%, e a bancada evangélica no congresso já é de 35% e tende a crescer nas próximas eleições. O próprio presidente Lula, ganhou a eleição com um vice coligado ao PL (o partido que congrega os políticos pastores da Igreja Universal). E seus líderes, como agem? Agora se fazem de vítimas, no futuro esmagarão quem não compactue com suas convicções religiosas. Tal qual os talibans, tal qual a corrente que elegeu novamente o Bush nos EUA.

Os fundamentalistas evangélicos representam hoje um retrocesso no desenvolvimento da literatura, artes cênicas, ciências, filosofia, humanismo e organização social. Influem diretamente nas decisões legais, na aplicação e pesquisas da Ciência, na legislação dos costumes, na vida econômica, nos espetáculos de teatro e cinema, enfim tornam "pecaminoso" tudo que não condiz com seus dogmas medievais. Além disso, discriminam fartamente as demais culturas e segmentos religiosos, principalmente os de afro-descendência e indígenas.

A prática de arrebatamento evangélico na grande mídia na última década deu-se por meio da aglutinação de pessoas carentes – e isso é o que não falta nesse Brasil –, através de indivíduos portadores de problemas psiquiátricos e distúrbios psicológicos, carentes afetivos, doentes sem recursos financeiros e sem noção de cidadania. E é às custas de toda essa gente que formaram um exército de voluntários gratuitos a serviço dos interesses políticos, econômicos, ideológicos dessa classe de empresários.

O poderio econômico das organizações ditas "religiosas" (muitas das quais financiadas por "projetos" de interesse dos EUA) avançam, sobremaneira, também por meio de falcatruas e isenções fiscais, explorações, crimes de curandeirismos, e até através de estelionato, como já se viu em matérias publicadas na grande imprensa a respeito das empresas Igreja Renascer e Igreja Universal.

Como forma de cooptação, esses empresários da religião propagam sistematicamente em seus meios de comunicação que são "vítimas de perseguição", justificando-se "serem filhos de Deus" e, como tal, alvos de todo tipo de discriminação "em nome de Deus". A população brasileira, por sua vez, tem uma tradição religiosa e de respeito a esse assunto, e como tal acredita nesse discurso, descartando investigações sobre as práticas distorcidas dessa categoria empresarial.

Na somatória de todos os meios eletrônicos de comunicação rádio-televisiva, mais de 40% delas já estão direta-

mente nas mãos dos empresários da religião. Este é um fenômeno facilmente notado por quem tem curiosidade sobre o dial radiofônico e televisivo. Grandes redes evangélicas de televisão, montadas e em funcionamento, como a Record e a Gospel, vivem da contribuição em dinheiro da população carente brasileira.

Atualmente, a receita arrecadada por essas empresas da religião no Brasil já é maior que o orçamento municipal das cidades de Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife juntas. E todo esse montante de dinheiro é lavado de diversas formas, tanto pela aquisição de outras empresas, quanto pela remessa direcionada aos paraísos fiscais ou suas matrizes nos EUA; tudo isso ocorre sem o mínimo controle do Estado ou da população.

Por um lado, a grande falha do governo brasileiro é não tributar as atividades "religiosas". Assim sendo, as empresas da religião não declaram o que recebem e o que gastam para ninguém: seja ao Estado, seja à sociedade, seja à comunidade que as mantêm. Por outro, a carência política, econômica e cultural que vive nosso povo alavanca essa prática. As pessoas necessitadas se apegam a qualquer tábua de salvação – quer material, quer espiritual – em períodos de crise, e isso é o leite que amamenta as distorções em todos os setores da sociedade, inclusive na prática religiosa. Assim, a cifra arrecadada por meio dos dízimos e outras práticas do comércio da religião, é um dinheiro que entra fácil e não tem nenhum controle.

A Constituição garante a liberdade de religião, mas não coíbe esses abusos e distorções. Aliás, nossa constituição foi escrita também por uma forte bancada de "religiosos" que deixou a porta dos fundos aberta à entrada de mais benesses. Os empresários da religião, desse modo, ganham poder por meio de currais eleitorais formados em suas respectivas igrejas, elege-se e, quando estão no poder, escrevem mais leis que garantem mais ainda seus privilégios. É uma bola de neve.

Final, apesar de termos tradição de cultura religiosa no Brasil, preocupa-me o panorama recente, não pelo crescimento dessa "consciência", mas pelo uso e destino que se dá à religiosidade de nosso povo e às consequências cultu-

* [Radialista e produtor cultural, diretor e professor do Departamento de Rádio do Núcleo Multimídia do Instituto Sou da Paz].

chicolobo@pop.com.br

A PALAVRA LATINA

Edição Geral: Cassiano Novais, Yuri Martins Fontes e Waldo Liao.

Conselho Editorial: Lincoln Secco, Cesar Cordaro, Ivan Leichenring, Marcelo Min, Leandra Yunis.
Fotografia: Marcelo Min, Vidal Cavalcante e Marina Cruz.

Revisão Geral: Waldo, Cassiano, Mariana Helene e Ivan.

Revisão Final: Ivan Leichenring
Diagramação e Arte: José Mário Cândido
vermelinho2@yahoo.com/Cel: 9386-5601

Correspondência e Exemplos:
Tel.: 3091-2307 ou 3231-0692
apalavralatina@grupos.com.br

Matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores.

Tiragem desta edição: 6.000 exemplares
Periodicidade bimestral

A Palavra Latina também está na internet:
www.acepup.org.br/apalavralatina

por Lúcia

A Dupla Revolução do Haiti

Em 1º de janeiro de 1804 o Haiti realizou uma façanha que nenhum outro país do mundo logrou fazer: decretou a independência e, ao mesmo tempo, a abolição da escravidura. Converteu-se, dessa maneira, na primeira nação negra independente e no primeiro país que aboliu a escravidura no hemisfério ocidental.

No entanto, é preciso observar o que representa essa independência arrancada pelos escravos, que se sublevaram contra os colonos sustentados pelas forças armadas de Napoleão. Para os países imperialistas europeus e para os EUA, foi um golpe estrondoso, porque viram este pequeno país negro como uma grande ameaça ao sistema colonial, sobretudo com a reação de seus próprios escravos a essa questão. Por outro lado, para os rebeldes – brancos, índios e negros – das colônias americanas, fora um exemplo a ser seguido e a esperança de autonomia de governo em todos os sentidos.

Imediatamente à derrota dos exércitos coloniais da França, Espanha e do Reino Unido sob o comando de generais rebeldes haitianos como Toussaint L'Ouverture, o país foi colocado no rol das nações que não podiam ser reconhecidas como livres. Além disso, o Haiti foi enfraquecido pelos impérios que não mais abriram seus mercados aos produtos desse país. A França enviou seus exércitos para tentar acuar as forças rebeldes no poder e os EUA, no governo de Thomas Jefferson, impuseram sanções ao novo Estado, medidas que se mantiveram até 1962. Durante todo o século XIX os haitianos viveram em estado de sítio e, durante o século XX, sofreram repetidas vezes invasões por parte de potências européias.

Em 1925, tropas francesas cercaram o Haiti em nome de uma compensação pela "propriedade perdida", mais especificamente as propriedades de escravos e de plantações. Longe de poder apresentar uma verda-

deira resistência, por não estavam suficientemente armados, os haitianos cederam às exigências do governo francês e pagaram uma dívida ilegítima – no valor de 150 milhões de francos, equivalente ao orçamento da França na época – e foram finalmente reconhecidos como um povo soberano. E como não podia pagar, o Haiti viu-se em situação difícil. Todas as suas riquezas, como as que provinham da venda do café e da venda da madeira (que provocou um desmatamento acelerado), foram consagradas à liquidação da chamada "dívida da independência". A partir de 1828, durante mais de um século, a pequena nação contraiu dívidas com outros grandes países capitalistas para conseguir pagar a França.

Já Em 1915, os EUA invadiram o Haiti e permaneceram lá dezenove anos, tornando impossível o desenvolvimento político-econômico do país. Deste modo, os ianques aumentaram seu mando na América Latina, bem como garantiram às transnacionais estadunidenses o direito ao quintal haitiano. Em 1965, novamente os EUA, em nome de uma suposta "democratização" de um qua-



Saldos americanos ocupam ruas de Porto Príncipe

dro governamental – marcado por regime de força que eles próprios antes apoiavam –, invadem o país e, desta vez, sob a tutela da ONU. Dez anos mais tarde, a interferência ianque toma um formato internacional, que luta contra o terrorismo e a anarquia, possibilitando que os EUA e a França sejam parceiros no processo de intervenção haitiana.

De 1957 a 1986, a ditadura dos Duvalier – o Papa Doc e seu filho, o Baby Doc – se mantém apoiada pelo governo estadunidense; mas neste cenário, surge o partido Lavalas (que na língua crioula haitiana significa "ondas") com forte base popular. O movimento de massas derruba a ditadura e Jean-Bertrand Aristide, um ex-

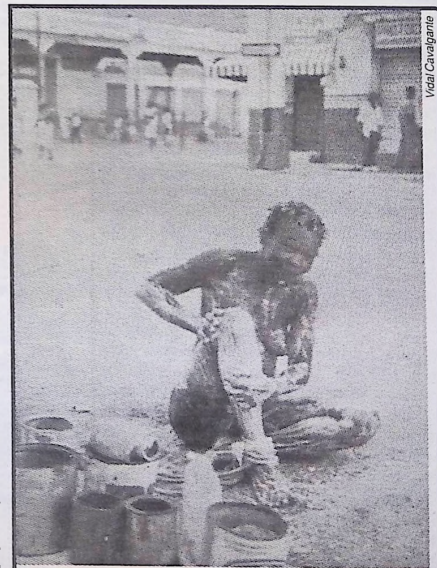
padre seguidor da Teologia da Libertação, ganha as primeiras eleições presidenciais, em 1990; no entanto, só permanece no poder por sete meses, por conta de um golpe de estado motivado pelas suas reformas.

No período governamental de Bush-pai, o Haiti sofre um embargo econômico ianque que praticamente o liquidou. Somente em 1994, Aristide volta ao poder e pelas mãos de Bill Clinton, então presidente vitorioso nas eleições presidenciais dos EUA, que lançou a "Operação Restaurar a Democracia", que nada mais era do que uma nova forma de intervencionismo.

Assim, as tropas estadunidenses foram enviadas ao país para restaurar a presidência de Aristide e permaneceram mais dois anos. A CIA apoiava, ao mesmo tempo, os grupos paramilitares nascidos no período do golpe e financiava os antigos mentores de golpes. Os EUA tentavam, pois, garantir a "ordem", reprimindo os trabalhadores.

Por fim, a quantia paga pelo Haiti como indenização, se fosse hoje devidamente corrigida, atingiria trilhões de dólares. Até agora a França não respondeu ao processo que foi submetida por conta de um movimento haitiano que luta em prol do ressarcimento de todo esse dinheiro pago e

do cancelamento da dívida externa. Aliás, quando não há interesse, todo processo é moroso. E quem está interessado no país mais pobre do hemisfério ocidental, em que se calcula que 80% de sua população de 8 milhões de habitantes vive abaixo da linha da extrema pobreza, e que mantém a expectativa da vida em torno de 53 anos? Ademais, o Estado haitiano é o país negro não africano com maior proporção de infectados pelo HIV/Aids. E, curiosamente, a sociedade francesa, em particular – e a européia, em geral – tão esmerada em sua posição assistencialista-humanitária, até agora não se manifestou quanto à dívida. Até quando a hipocrisia permanecerá?



Tentando zelar pela própria higiene, mesmo sem condições.



Centro do Porto Príncipe, local de grande concentração popular

A História que se repete como farsa ou tragédia

por Yuri Martins Fontes*



Piquete nas ruas de Buenos Aires

Há cerca de 150 anos, um atento observador da realidade¹ afirmou que "a história se repete como farsa ou tragédia". Tantos anos de *progresso* se passaram, mas a tal constatação continua tão presente como a miséria explícita que pode ser vista pelas calçadas dos grandes centros urbanos *modernos*. É como se algo de podre no seio dessa civilização a impedisse de dar um salto para fora do limbo em que a cada ano chafurdam mais centenas de milhões de humanos.

Na Argentina as coisas não são diferentes. Em dezembro de 1976, um ataque guerrilheiro contra um alvo militar desencadeou uma das maiores calva-às-bruxas de que se tem notícia. Em cerca de uma década, os ditadores desse país, ajudados pela CIA (EUA) desapareceram com 30 mil pessoas, entre socialistas, nacionalistas e *equivocos*. No final de 2001, exatamente 25 anos depois, a tragédia voltaria à ordem-do-dia platina. E desta vez não seria uma resposta a um ato organizado por comunistas revolucionários. A repressão dar-se-ia contra simples manifestantes famintos e desesperados, um contingente de desocupados criado pelo próprio *desenvolvimento* capitalista.

No dia 19 de dezembro, uma reivindicação por direitos humanos tornar-se-ia uma batalha. No dia seguinte, os enfrentamentos tornaram-se agudos. Massas de desocupados saquearam diversos comércios e supermercados em Buenos Aires, Santa Fé, Córdoba. Entre Rios, San Juan e Mendoza. O então presidente De La Rúa decretou estado de sítio e ordenou violenta tática de choque policial que teria como saldo cerca de 30 mortos em apenas algumas horas. O epicentro foi de novo a famosa Praça de Maio, onde se situa a presidência da nação.

A repercussão interna e externa foi muito negativa. De La Rúa renunciou. Outros três

presidentes assumiram e renunciaram em poucas semanas. O caos instalava-se a galope na outrora próspera república liberal do sul, "Europa da América", segundo se dizia pelos lados do FMI. A oligarquia local, em pânico, cede. Sob uma perspectiva reformista, assume Duhalde. Política de concessões e conciliamento evitariam novos transbordamentos sociais.

No ano seguinte, eleições presidenciais dão espaço para a ascensão da centro-esquerda. A classe dominante continuava aterrorizada e quieta – algo parecido ao Brasil de depois de uma década do tsunami dos *dois Fernandos*. Nas urnas, Kirchner arrasa o neoliberal Menem, o tal das "relações carnavais com os Estados Unidos" – o FHC argentino, autor das privatizações que precederam a crise.

Poder-se-ia então pensar que o povo argentino daria afinal seu salto do fundo do poço. Contudo hoje, três anos depois da tragédia da Praça de Maio, a sensação de embuste ronda de novo os lares de nossos irmãos do sul. Algo talvez comparado ao que sentimos com o nosso Lula da *esperança*. Políticas emergenciais como o Plano Chefe-de-Família apagaram o fogo e dividiram os movimentos sociais, sem que nada de substancial fosse feito para mudar a situação de pobreza de quase 60% da população – ainda que o salário mínimo argentino seja quase o dobro do brasileiro! Segundo estudo da Universidade Católica Argentina, "10% dos argentinos de classe média baixa pensaram em se suicidar no último ano".

Como na ditadura, dezenas de líderes piqueteiros estão encarcerados por motivos políticos. Apesar disto, movimentos sociais – inclusive as *Madres de la Plaza de Mayo* – abaixaram a voz. Reivindicam a liberdade dos presos políticos e o não pagamento da

dívida externa, mas contraditoriamente apoiam o governo Kirchner – que mantém os presos e paga em dia a dívida. "Nunca um presidente dialogou tanto conosco", afirma a presidente das *Madres*, Hebe de Bonafini, satisfeita com os batapapos presidenciais.

No último 20 de dezembro, as passeatas pelos três anos do chamado o "argentinaço" se dividiram. De um lado os "contras", umas 10 mil pessoas organizadas em sua maioria pelo Partido Obrero, que se reuniram na Praça de Maio. De outro lado, na Praça do Congresso, a um quilômetro dali, cerca de mil manifestantes pró-Kirchner também faziam seu barulho. No total, números muito distantes dos 100 mil manifestantes que se esperavam. Os movimentos sociais estão acalmados. A direita deu seu passo atrás na hora exata. Com a farsa, não foi necessário apelar às maiores tragédias – ademais daquela tragédia cotidiana, presente na ausência de esperanças das pessoas que se acumulam nas "vilas miséria" platinas, nas "cidades perdidas" mexicanas ou nas favelas brasileiras.

E pouco a pouco as classes altas voltaram a dar as caras. Recentemente, um ato de vandalismo promovido por fundamentalistas católicos da Associação Custódia destruiu parte das obras do artista plástico León Ferrari. As esculturas tratavam da ligação entre os militares e a igreja durante os anos



Hebe de Bonafini, presidente das Madres de la Plaza de Mayo

de chumbo. Dias depois, o poder judiciário acatou a agressão e fechou a mostra!

Num outro episódio protagonizado pela ultradireita católica, a ativista irlandesa pelo direito do aborto, Rebecca Gomperts, quase foi agredida por um grupo de fanáticos, em virtude da palestra que proferiria num centro cultural. Cancelada. Segundo depoimento de Dona Juana, 90 anos, tementeira das *Madres de Mayo*, "a Igreja daqui sempre esteve mancomunada com os assassinos, e o Papa respalda isto, com os Bispos que nos nomeia".

O governo se mostra complacente com o avanço fascista. E a complacência geral é tanta, que mesmo o corrupto Menem, fugitivo no Chile, conseguiu o arquivamento de diversos de seus crimes e voltou tranquilamente à Argentina neste natal para passar as festas em família. Mal chegou, e já ousou improvisar um discurso de aliança entre os conservadores.

A decepção com o *reformismo alinhado* é patente. A ameaça de uma guinada à extrema direita é iminente. A pouco tempo pudemos observar um princípio deste fenômeno também no Brasil, na ocasião das eleições municipais de São Paulo e Porto Alegre. E assim se deram os fatos. O clamor "vão todos embora", que se ouvia durante o distúrbio social de 2001, não se concretizou. Ficaram todos. E aos poucos regressam à tona e mais engenhosos. Protestos foram absorvidos, massas desmobilizadas, líderes detidos e feitas as pazes com o *Consenso de Washington*.

E por fim, se não fosse trágico, seria cômico: o jornal liberal *The Economist*, publicado há pouco que o tal *Consenso* só é exigido mesmo nos países periféricos. Afirma que, em pleno tempo de globalização e mercado livre, "os gastos estatais em relação ao PIB nos 14 países mais ricos do mundo subiram de 28,5%, em 1960, para 47,1%, em 1995". Desmente-se assim a falsa ideia propagandeada de que a diminuição da participação do Estado no amparo ao bem-estar social leva ao desenvolvimento. Mais uma farsa...ou seria tragédia? A História dirá.

¹ Karl Marx, em *O 18 Brumário*.

* [filósofo e engenheiro] yurimfl@usp.br



Argentinos protestam contra os acontecimentos do 20 de dezembro de 2001

O Hip Hop no Brasil

por Boneco*

O Hip Hop no Brasil é considerado uma cultura artística de rua. Contém os cinco elementos fundamentais de sua essência (*break*, grafite, *dj*, *mc* e o conhecimento) – embora haja aqueles que queiram uma certa separação dos elementos *mc* e *dj* dos demais.

No nosso país, esta cultura prossegue contribuindo com o seu público, dando sentido à vida de milhares de pessoas com a sua comunicação geral, exposta pelos quatro elementos. Em seu interior, abriga militantes comprometidos com as questões social e racial, uma vez que o Brasil é um país massacrado pela burguesia interna e externa, e onde também não há democracia racial. Esses militantes, homens e mulheres, desempenham o papel de porta-vozes dos oprimidos, e também desempenham funções sociais voltadas às suas comunidades negras e carentes de políticas públicas; por exemplo, alimentação, habitação, saneamento básico, assistência médica, escola, segurança etc. Essas funções sociais variam entre algumas posses, que fundam espaços culturais e bibliotecas. Outras atuam junto à comunidade levando a arte da dança e do grafite, ocupando espaços públicos como escolas e praças.

Partindo do que há nas rimas destes *mcs* militantes, podemos ouvir uma intervenção socioeducativa contra o uso das drogas e do álcool, bem como a violência pessoal e, ainda, a favor de o povo estudar. Pelo aspecto psicológico, os *mcs* também elevam a auto-estima dessa população humilhada e sofrida. No contexto sociopolítico brasileiro, as composições evidenciam-se em protestos pela ausência de políticas públicas, e pela frequência da violência policial e racial. Muitas vezes suas letras apontam para a luta contra a opressão burguesa e estatal, havendo até hoje prisões de alguns desses militantes por cantarem a sociedade como ela é. Ou seja, liberdade de expressão, democracia e justiça social no Brasil têm sido somente um sonho que poderá ser alcançado com muita luta.

Entretanto, além desses militantes atuarem dessa maneira, estudam muito. Entretanto são poucos os que chegam às universidades, por falta de possibilidade financeira, em virtude da precariedade do ensino, ou pela falta de auto-estima. Os que conseguem chegar, aprendem que conhecimento é poder. Os cursos que os militantes escolhem são: ciências sociais, história, serviço social, direito, pedagogia e outros da área de humanidades.

Outro fato é que *b.boys*, *b.girls* e grafiteiros atuam contra a vulnerabilidade e maus tratos



Grafite das ruas de São Paulo

às crianças e adolescentes, ocupando seu tempo para ensinar a arte da dança. Quanto ao grafite, é comum nas grandes cidades brasileiras e bairros da periferia pinturas que expressam as mais variadas formas de críticas à sociedade contemporânea. Enfim, o *Hip Hop* no Brasil desempenha sua função social. Contribui à elevação da auto-estima de seus membros, é um exercício constante da busca de cidadania, é um fator essencial à

inserção na sociedade, isto é, enfrenta as condições subumanas de sobrevivência.

O comprometimento do *Hip Hop* com a dignidade humana é um revés às lógicas da exclusão e da submissão de classe. Não se trata de uma cultura racista, às avessas, muito menos de uma cultura machista. É uma filosofia, um estilo de vida.

* [Hiphopper e estudante de Serviço Social].



Cenário das vozes do hip-hop. São Paulo

Argentina

Lar

por Marina Cruz

Os dias passam rápidos, mas já me habituei à cidade. É uma sensação engraçada de se estar em casa, de saber onde é a venda, a farmácia, onde se pega o coletivo, achá-los pelo número...

E agora, depois de tanto tempo assim, de cidade em cidade, de país em país, parece que me acostumei a viver em quartos de hotel, sinto-me estranhamente confortável assim, exilada.

Quanto tempo eu serei capaz de passar em um mesmo lugar, estática? Será que esse é meu destino; vagar por portos e estações, ruas que não conheço, esquinas que não são minhas, longe dos rostos conhecidos e dos sorrisos reconfortantes?

Talvez, mas não posso negar como me apazigua a alma estar longe, mover-me, ver as coisas que ainda não vi, provar sabores exóticos, me inebriando de cheiros e cores alheios! Estar no mundo, não ser brasileira, paulistana, pantaneira, portenha, não pertencer. A imensidão aqui fora é um teatro para que eu represente o maior papel para qualquer ator: ser outro, o tempo todo, sem nunca se perder de si mesmo.

"Se toca, Uéberson!"

por Luiz Octávio P. Coppieters

Naquele dia Uéberson compreendeu que era um sujeito normal. Ao perceber-se disso não ficou estarrecido. Não moveu sequer um músculo da face, a qual não deixou se empalidecer.

Aquele dia, para Uéberson, foi mais um dia comum, rotineiro, sem ação. Exceto quando o piloto do ônibus mostrou sua sagacidade ao desviar, num cruzamento, de um carro que atravessava a rua quando o semáforo estava vermelho. Evidente que o carro não saiu sozinho, mas sim movido por um sujeito que falava ao celular. Um verdadeiro às no volante. A manobra audaz fez com que as pessoas no interior do ônibus se aproximassem umas das outras, entre elas o nosso Uéberson, que trombou com uma bela moça. Ela lhe voltou um olhar não tão afável quanto sua coxa ao jovem rapaz. Nesse momento a face dele havia corado. Na tentativa de evitar mais constrangimento, Uéberson deixou sua vista trombar com as construções da cidade. Talvez aí tenha despertado um primeiro sinal daquilo que mais tarde compreendeu. Viu uma imagem gigantesca de um oriental, pregada a um prédio. Com um ar muito confiável, vendia fungos mágicos. Um olhar sábio, profundo. Uéberson queria ter aquela profundidade em seu olhar. Quis olhar novamente para a moça com a qual havia trombado, penetrá-la com um olhar confiável e profundo, como o do oriental na propaganda de cogumelos. Mas não teve coragem. Até porque não precisava. Uma nova imagem, com uma moça mais bonita e muito maior que aquela ao seu lado, sorria para ele. Um sorriso discreto de desejo e recuo. Um recuo atraente que só uma mulher pode ter. Uéberson teve certeza que a moça ao seu lado olhava-o com esse olhar, invadindo-o, fazendo com que suassem. Receoso, não a olhou para confirmar sua suspeita — ou desejo.

Um ônibus é só um ônibus. Mas querendo se pode nele ver um microcosmo, exprimindo todo o mundo humano. Digo isso porque, apesar de uma lei pregada ao vidro informando a proibição de se escutar aparelhos sonoros no seu interior, havia um sujeito, obstinado, que renegava a lei: ouvia seu radinho à pilha. Essa medida contra a ordem estabelecida tinha seus efeitos em Uéberson. Junto àquele trabalhador cansado de um dia de trabalho, ouvia alguma música entre as propagandas e as últimas notícias das mais quentes catástrofes e barbáries. Estas empreendidas pelo homem e aquelas pela crudelíssima Natureza. Os demais passageiros comprimiam-se entre as ondas do radinho à pilha e a agressividade rouca do motor do ônibus. Todos sincronizados e sintonizados, distantes e inertes. O cansaço, fruto da luta pela sobrevivência, não permite privilégios: ora, como se não bastasse viver, querem viver bem! Mas, voltando, nosso Uéberson deixou-se levar pelas notícias. Os nomes das praias destruídas por uma ataque de golfinhos kamikazes conduzia-o a paraísos distantes, onde só reina a paz e o capital, onde todos são felizes. "Puxa, nada como Deus para

nos proteger!" Pensava ele (ou Ele?).

Ao chegar em casa, ligou a televisão. Os programas que passavam naquele momento não variavam muito: num canal, um pastor dizia o que Deus disse, pois está escrito na bíblia — ou então numa conversa pessoal, *tête-à-tête*? Mistérios da trindade... —, que o homem tem que ter dinheiro, pois quanto mais rico mais próximo de Deus está (Verdade inquestionável! Diga-se de passagem...). Noutro canal, duas criaturas acéfalas apresentavam e comentavam a vida de personalidades (talvez o sejam por estarem muito próximos a Deus), também acéfalas. Em um terceiro canal, uma "novela da vida real", seja lá o que isso significasse, mostrava a vida de pessoas que não fazem nada senão infrometer-se na vida de outras, todas querendo arranjar suas vidas, sejam más sejam boas. Evidentemente que essas pessoas não trabalhavam: as intrigas de vidas almeçadas não podem se confundir com as vidas daqueles que desejam. Ou que são forçados a desejar.

Uéberson desligou a televisão. Abriu a geladeira. Sorriu. Para si mesmo, talvez. Afinal não havia ninguém mais ali. Somente ele e seus desejos e impulsos. Relaxava de mais um dia vencido na selva das palavras, "slogans", "outdoors" de imagens que significam e valem muito mais do que os imaginados. Uéberson não precisou concluir que tudo o que vira na televisão eram expressões de um mesmo movimento. Todos os "outdoors" eram expressões duma massa disforme, pesada e descontrolada. Um bolo que ora se mostra aqui de um modo, ora se mostra acolá de outra maneira. Bastou apenas sentir que nada do que sentia era seu.

Naquele dia Uéberson compreendeu que era um sujeito normal. Ao perceber-se disso não ficou estarrecido. Não moveu sequer um músculo da face, a qual não deixou se empalidecer.

Hoje, ontem e amanhã?

por Palena Duran*

Muitas vezes pensei o mesmo, e agora é outro dia. Porém continuamos a não dizer, deixa pra lá, todo dia deixa pra lá. Vai-se deixando tanto a ponto de esvaziar as conversas, e pessoa alguma se indigna, enchemos a cara e inventamos a esperança de sobreviver ao próximo dia. Mas indo fundo, agora questões sobre pessoas de vida, é impossível não ver. Quem dera o dom, quem dera algo que pudesse fazer para despertar junto dos meus em novo mundo.

Mas tem sido assim, amigos com dividas até o pescoço, fugindo dos oficiais de justiça, desempregados vendendo o que podem vender, e todo momento é oportuno para descobrir mercadorias vendáveis. Os que sonharam tão forte e já souberam unir-se caíram, não mais crêem, como se hoje não implicasse futuro. Assim é assim, foi assim, já era assim e será pior. Então o sentido de tudo isso, viver em nome de quê, do quê, por quê, como? Diante de tão cruéis realidades...

Lembro-me ainda pequena, festa da revolução cubana, independência moçambicana, resistência na Nicarágua, revolução russa, festa dos povos do mundo inteiro, nos anos 80 ainda se festejava a revolução. "Compañero Salvador Allende!!", "Presente!", "Presente, agora y siempre, ahora y siempre!". Moçambique, 1º de maio, parada geral, todos nas ruas celebrando a libertação, mais sonho, verdade. Estávamos em guerra, naquele caso específico era a África do Sul apoiada e armada pelos "aliados" regimes capitalistas, e atrás de casa havia tropas cubanas, rusas e moçambicanas a nos defender.

Lá pelo ano de 1983 vivemos toque de recolher, os oito anos não entendia o quanto era próxima ou distante de Maputo a tal guerra, queria era entrar no tanque. Crianças alimentam menos perigos, mas desde então convivi com o medo, a morte, a per-

seguição, a prisão, a separação, o banzo. Saudade do futuro também. Nesse tempo ainda não era brasileira como agora, por opção, sentia-me de muitos países — as fronteiras eram finas linhas desenhadas no mapa do mundo. Vinha pra cá, voltava, ia pra lá, cantava em português, espanhol, inglês, francês, russo, xangana (o dialeto mais falado em Maputo). Éramos de todos, por todos estávamos de passagem, em viagem, éramos universais, conquistaríamos o mundo e aí, finalmente, voltaríamos para casa. E qual casa? Depois da guerra é preciso reconstruir, reencontrar o espaço, cavar a terra para sentir o cheiro do que se sabia, certificar-se do chão a pisar. Muitos não voltaram quando morreram de tantas maneiras pelo caminho, outros ainda esperavam casa, e ficaram pares de anos entre cá e lá, com filhos a tiracolo, imigrantes. Éramos internacionais, internacionalistas.

E hoje restamos alguns nesta aldeia global. Perdemos, fracassamos, seria isso? Sonhos jovens que pendem para o romantismo, dizem que jovens não enxergam medidas entre possibilidade e realidade. A realidade ainda longe das mãos, sem permissão acontece uma espécie de retrocesso histórico — o que não quer dizer voltar ao passado, porque nunca se volta. E tem a questão dos erros cometidos, o contradição exercido, no mínimo um século para compreender (...).

O que se deseja mais é encontrar um lugar para descansar das batalhas diárias — um trabalho decente de remuneração digna e o suporte das necessidades básicas de vida das gentes. Da pequena política talvez pouco se espere e acredite, ao que parece perdemos importância como povo e sociedade, nem sei.

Entre os de ontem, antes de ontem, de 50 anos atrás, alguns não compreenderam, deixaram de ser radicais e comprometidos o suficiente, ou mesmo não viveram a necessária experiência revolucionária. Muitos precisavam de religião e tanto faria se fosse Jesus, Marx, Lênin, Trotski, ou o Bispo Edir Macedo... Assim cada um adequou-se aos novos tempos antigos, venderam mentes e almas para encontrar razão de existir, autojustificações, desfizeram os feitos, esforçam-se todos os dias para esquecer a inevitável frustração — injustiças e desigualdades escancaradas. Combatem quem lhes aviva a memória, por vezes consideram dementes os que ainda procuram lembrar e seguem lutando contra impérios, reinos e colônias. Uma de minhas tarefas diárias é poupar o gosto azedo que estanca na garganta impotente e seguir no caminho.

Ao conviver com a dialética da necessária venda da força de trabalho, por necessidades mediatas e imediatas, como manter acesas esperanças?

Agora, então, de onde vem o hábito dos novos tempos do novo mundo?

* [Historiadora e escritora].
http://palenaduran.zip.net
palenas@uol.com.br



“O poder dos pobres vem do conhecimento”

por Cassiano Novais* e Barbara Araujo**

Hugo Chaves



representantes das 25 brigadas de construção (aproximadamente 800 homens e mulheres) oriundos dos acampamentos e assentamentos de vários estados brasileiros que voluntariamente deixaram suas terras e suas famílias para construir a primeira escola nacional do MST.

O terreno de 30 mil metros quadrados, em cuja área já foram concluídos o prédio do refeitório com 1.044m², quatro edifícios de alojamentos com 1.133m², e o edifício pedagógico com

2.400m², foi adquirido – em sua maioria – com recursos das exposições de fotografias de Sebastião Salgado, realizados pelos companheiros apoiadores do movimento de vários países. Alemães, espanhóis, estadunidenses, suíços, e outros, mostrando que o internacionalismo proletário está vivo na luta do MST, e de muitos outros movimentos socialistas mundo afora.

Vinte e três de janeiro de 2005. São dez e trinta da manhã. Um dia quente de sol realçando cores em meio ao verde dos campos ondulados trás uma energia viva em todos os presentes. A voz de um companheiro no alto-falante convoca todos a se reunir sob a tenda branca, onde em alguns minutos dar-se-á início ao ato de inauguração da escola.

Em poucos instantes as conversas dispersas passam a dar lugar ao silêncio anunciador da tradicional mística, momento em que todas as mentes e corações se unem para se inebriar de todo o significado por traz da luta de um movimento que luta pelo direito básico de ter um pedaço de terra para trabalhar.

Jovens guerreiros (as) militantes vão subindo um a um ao palco e seus gestos sincronizados nos remetem logo ao esforço de quase cinco anos de trabalho coletivo, de trabalhador para trabalhador. Há momentos em que a palavra pode estragar a beleza do gesto. De repente alguns tijolos são empilhados e a frente deles, em letras vermelhas vemos surgir um nome: Escola Nacional Florestan Fernandes. Todos aplaudem emocionados.

Logo após são chamados os verdadeiros responsáveis por esse dia de comemorações. Os



Nana, 2 e Lio, 3, vivem no acampamento do MST, às margens do Velho Chico, em Canindé do São Francisco. Apesar da idade já trabalham, recolhendo lixo com os pais. Não há escolas por perto do acampamento e a prefeitura não disponibiliza nenhum tipo de transporte ou ajuda para estas crianças.

Argentina

SER...

por Luis Yunis*

Como el árbol imponente que resbala en el remanso, por los muslos de las aguas y se pierde río abajo, como la llama celeste que fluye del leño puro hasta tocar las estrellas como un índice de humo, como el canto de las aves, cuando se aleja la noche, que sube a espaldas del viento para internarse en el bosque, como la lluvia sonriente, niña de húmedas manos, que corretea en las sierras y va a dormirse en los campos, como el saludo serrano cuando la tarde se entrega, que recorre la comarca y se oculta entre las peñas, como el grito de la virgen cuando desgarran su carne, que llena el espacio inmenso sin mezclarse con la sangre, como el llanto poderoso del niño recién nacido, que detiene el Universo con al voz del Infinito, como el rebelde alarido del hombre frente a la vida, que con los puños crispados continúa monte arriba, como el fuego redentorio de las lágrimas amargas, que la mujer hace brisa con un hijo en las entrañas. Así quiero ser, amigo: adiós perdido en el puerto, rosa flotando en el agua huella difusa... Recuerdo. Lo que rueda en el siderio a voluntad de la Nada... Un poco estrella, silencio, canto quizás... Esperanza.

(*) poeta, escritor y periodista, gentederondas@presencias.net

Poucas Palavras

Guatemala

El último hilo de la luz del día,
se arquea bajo el peso de la noche
y no se rompe,
se parece a la esperanza.

“Façamos a revolução na educação que o povo fara a revolução nas ruas.”

Florestan Fernandes

“Só o conhecimento liberta as pessoas.”

José Martí

Você conhece o BRASIL DE FATO?

Está na hora de conhecer!

Uma visão popular
do Brasil e do Mundo

Leia e Assine!

Contato para assinaturas:

(11) 2131-0812 ou 2131-0808

assinaturas@brasildefato.com.br

www.brasildefato.com.br

Jornal Semanal

O MST nos dá o exemplo do que pode produzir o movimento radical de massa, quando articulado para a base e pela a base. E com a inauguração da Escola Nacional Florestan Fernandes, um passo decisivo foi dado para a formação de novas gerações de militantes na luta incessante em busca da nova forma histórica, a sociedade socialista.

[estudante de economia/USP]

**[atriz e mestranda em teoria literária e literatura comparada da USP]

¡Revolución! A Verdade sobre Fidel Castro

"Amar e mudar as coisas me interessa mais."

(Alucinação - Belchior)

por Luiz Seixas*

Um estadunidense que se encontrava em Cuba desde o fim da década de quarenta recolheu uma série de imagens de um período fundamental da História de Cuba e um marco na história da Humanidade. Errol Flynn, um fascista parasitário, curtia os prazeres da "corte" do ditador Fulgêncio Batista quando começou a ouvir falar sobre um tal de Castro. Em certo momento, Flynn e seu colega Victor Pahlen interromperam seu turismo sexual e suas apostas nos cassinos de Cuba, pegaram suas câmeras e gravaram cenas realmente marcantes. Com tais cenas montaram o documentário "¡Revolución! A Verdade sobre Fidel Castro".

O documentário foi feito alguns anos após à Revolução Cubana. Flynn encerra uma narrativa interessante sobre o povo cubano. Partindo dos círculos oficiais, ao descrever ironicamente o exército de Fulgêncio e o modo como este ditador abriu a ilha para servi-la aos estadunidenses como área de lazer (uma Las Vegas caribenha), mostra a miséria de um povo oprimido. O resto do documentário apresenta imagens dos insurgentes na Sierra Maestra, a chegada de Che Guevara em Santa Clara, o apoio popular incondicional. Um dos momentos mais interessantes são as imagens dos julgamentos públicos dos agentes de Batista e dos EUA. Por fim, imagens da capital Havana tomada pela população, a qual foi conclamada por Fidel Castro a expressar aos organismos internacionais sua posição sobre os julgamentos.

Infelizmente o áudio não foi captado, de modo que o telespectador fica preso aos comentários de Flynn, sujeito muito controverso, mas que neste documentário tenta carregar numa verve poética, que não possui. Em todo caso, as imagens do apoio

popular ao movimento revolucionário liderado por Fidel impressionam. Um povo explorado que se levanta e organiza-se para lutar pela sua liberdade, para expulsar seus opressores, é um exemplo ao nosso país. Ali fica nítido que a idéia de "nação" está impregnada nos cidadãos, ao contrário de outros países onde identificam um cidadão como consumidor.

O vídeo faz referência à insurgência de 26 de julho de 1953, que foi uma tentativa de assalto ao

quartel de Moncada, a qual redundou em fracasso, mas que serviu de luz norteadora à população, estimulando-a a se organizar. Vale citar parte do discurso feito por Fidel em defesa de si mesmo no seu julgamento após a tentativa de tomada do quartel de Moncada: "Nunca foi nossa intenção lutar com os soldados dos regimentos e sim apoderar-nos, de surpresa, do quartel e das armas, convocar o povo, em seguida reunir militares e convidá-los a abandonar a odiosa bandeira da tirania e a

abraçar a da Liberdade; a defender os supremos interesses da nação e não os mesquinhos interesses de um grupelho; a voltar as armas contra os inimigos do povo e não disparar contra o povo, onde se encontram seus filhos e seus pais; a lutar junto dele, como irmãos que são, e não enfrentá-lo, como inimigos; a marchar unidos sob a bandeira do único ideal, belo e digno do sacrifício de nossa vida – a grandeza e a felicidade da Pátria."

l Fidel Castro, em *A História Me Absolverá*.

*Estudante de Filosofia da USP

INSCRIÇÕES ABERTAS!



CURSINHO POPULAR

Mensalidade a partir de R\$ 80,00

INFORMAÇÕES

TEL: 3258-1436 / 3231-0692

END: RUA DA CONSOLAÇÃO, 1909

WWW.ACEPUSP.ORG.BR

BOLSA DE ESTUDO, MEDIANTE AVALIAÇÃO

*** MATERIAL DIDÁTICO INCLUSO**

Sede: Cidade Universitária, Bloco F - Sala 17

Leia e Divulgue A Palavra Latina.

A Palavra Latina é distribuída na Universidade de S. Paulo, na PUC, no Centro Cultural de S. Paulo, no MST- SP, na Central de Movimentos Populares, na Biblioteca Mário Andrade e nas sedes do PT, PSOL, e PSTU.

Depósito de exemplares. Espaço Cultural da Acepusp, R. da Consolação, 1909 - São Paulo. Telefone: 3231-0692.

Redação: Cidade Universitária, Butantã - S. Paulo, CRUSP, bloco F, térreo, sala 17. Telefone: 3091-2307.

A Palavra Latina também está na internet: www.acepusp.org.br/apalavralatina